



O LÚDICO PRESENTE NAS AULAS DE HISTÓRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL II: UMA EXPERIÊNCIA DO PIBID

Ana Beatriz Avelino Dantas¹
Raissa Evelyn Lacerda de Araújo²
Elisângela Cabral Moço³
Patrícia Cristina de Aragão⁴

RESUMO

A disciplina de história desde sua criação esteve articulada a uma propositura de apenas transmitir datas e os grandes eventos ocorridos na história, tornando-se um ensino metódico, segmentado pela estrutura da decoração de nomes e datas. Esse modelo de ensino foi utilizado por um longo tempo na educação básica brasileira, até meados do século XX. Em contrapartida a isto, a disciplina de história possui uma função importante para a sociedade que é exatamente o papel de formar cidadãos críticos à realidade. Porém, para isso ser alcançado é necessário que no contexto da sala de aula de história, outras metodologias possam ser implementadas, apresentando aos estudantes linguagens pedagógicas que possam contribuir e colaborar com o aprendizado histórico. Assim, recorrer ao apoio dos recursos metodológicos lúdicos, como jogos, gincanas e dinâmicas são ótimas opções para transformar ensino. O objetivo geral deste relato de experiência é evidenciar as possibilidades das adaptações metodológicas possíveis nas aulas de história, voltados para a turma de 8º ano, do ensino fundamental II. Dessa forma, trazemos a experiência de um Plenário Simulado. Dinâmica aplicada na turma para trabalhar questões de direitos civis, sociais e trabalhistas, partindo do tema de Revolução Industrial. Esta proposta de relatos de experiência nasceu em conjunto com estudos proporcionados pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, da Universidade Estadual da Paraíba, junto às experiências em sala de aula, também proporcionadas pelo programa. Os resultados dessa pesquisa e prática apontaram uma importante ação no processo de ensino e aprendizagem, que acreditamos deve ser compartilhada com outros professores em suas práticas de ensino escolar. Acreditamos que o ensino de história deve ser adaptado, para tirar essa metodologia engessada que a disciplina carrega desde sua origem. Modificando a forma de professores enxergarem a profissão e a forma que os alunos se relacionam com o ensino.

Palavras-chave: Ensino, História, Lúdico, Sala de aula.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Integrante do PIBID – UEPB – Campina-Grande. Bolsista Capes. ana.beatriz.dantas@aluno.uepb.edu.br

² Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Integrante do PIBID – UEPB – Campina-Grande. Bolsista Capes. raissa.evelyn@aluno.uepb.edu.br

³ Graduada no Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB e Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Supervisora do PIBID – Campina-Grande. Bolsista Capes. elisangelacabralmoco@gmail.com.br

⁴ Doutora no Curso de História da Universidade Federal de Campina-Grande – UFCG. Coordenadora do PIBID. Bolsista Capes. Professora da Universidade Estadual da Paraíba. patriciaaragao@servidor.uepb.edu.br





INTRODUÇÃO

Durante a trajetória do ensino de história no Brasil houveram muitas dificuldades, como a função limitada de ensinar apenas datas e grandes eventos nacionais, anos depois veio sua junção com a disciplina de geografia, além de durante todas as épocas a disciplina de história sempre foi manipulada pelo governo e desvalorizada pelos educadores. Assim, essas dificuldades que perpassam a disciplina desde sua origem influenciam de certa forma até hoje no modo de ensinar história, reforçando o estereótipo de ser uma disciplina chata e densa. O objetivo inicial da história enquanto disciplina escolar foi de formar os futuros cidadãos da elite, aqueles que participariam na decisão dos rumos legais do país, como engenheiros, médicos e advogados.

A história enquanto disciplina escolar, surgiu durante o império, mais especificamente no ano de 1838, com a criação do colégio Pedro II. Neste período, o ensino de história era voltado para o viés eurocêntrico, baseado apenas nos métodos de repetição e decoração de datas e eventos históricos. Com a república em 1889, o ensino de história continuou com os mesmos moldes, o que mudava era apenas os nomes e das datas a serem focalizados, o que antes eram postas as imagens dos imperadores enquanto heróis da nação, agora dava vez aos recentes e novos presidentes do Brasil.

Olhando para as origens da história enquanto disciplina, observamos a imagem engessada que a disciplina tem, pois por muitos anos o ensino de história era metódico e repetitivo, baseado apenas nas decorações de datas. Isso explica um pouco os motivos de alguns alunos atualmente, taxarem a disciplina de chata, cansativa e que “não contribui” para suas formações. Com isso, fica evidente o quanto os métodos de ensino de história precisam se diversificar, precisam ser mais ativos, mais próximos dos alunos, estabelecendo parâmetros de ensino que sejam intuitivos e eficazes, voltados à realidade dos alunos, como nos mostra Paulo Freire. Dessa forma, conseguiremos um bom ensino de história e alcançaremos o objetivo central da disciplina para a sociedade, que é preparar o aluno, não enquanto recebedor de informações, mas como cidadão crítico e reflexivo do mundo e para o mundo.

Foi a partir dessas questões sobre as mudanças de métodos no ensino de história, que decidimos aplicar novas abordagens pedagógicas durante as práticas em uma sala de aula de 8º ano, do ensino fundamental II, anos finais, na escola-campo Ecit Prefeito Williams de Sousa Arruda. Essas experiências ocorreram através do Programa de Incentivo de Bolsa à Iniciação à Docência, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, Campina Grande.

O objetivo deste relato é mostrar como, na prática, é possível aplicar novas abordagens pedagógicas nas aulas de história, mas que não se limitam apenas a esta disciplina em





questão. O intuito aqui é mostrar nosso exemplo para que assim outros professores de história e de outras disciplinas possam aplicar o mesmo método em suas aulas ou se inspirar para produzir suas próprias metodologias ativas, e assim conseguirmos evoluir com a educação, pois os professores devem estar sempre em constante aprendizado, principalmente nos dias atuais em que as novas gerações jovens exigem novos olhares e abordagens.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a elaboração deste relato foi, principalmente, a experiência vivida em sala de aula, somadas às leituras de teóricos como Paulo Freire e de Leandro Karnal. A princípio tivemos a leitura da obra *Pedagogia da Autonomia* de Paulo Freire, onde começamos a refletir sobre os métodos atuais de ensino de história. Já no dia-a-dia da sala de aula do 8º ano, percebemos as necessidades dos alunos, pois se tratando de um ambiente do fundamental II se considera que eles ainda são muito imagéticos e criativos, até por conta da faixa etária, que circula em torno de 12 à 14 anos. Partindo dessas vivências docentes, percebemos que alguns alunos achavam a disciplina maçante, o que os fazia relapsos e não engajados nas aulas. Com isso, resolvemos refletir sobre as possibilidades de tornar este ensino mais lúdico e didático.

Dessa forma, durante o segundo bimestre, trabalhando a temática da Revolução Industrial e de como as ideias iluministas conseguiram influenciar e mudar os rumos da história. Com isso, a aula deste dia seguiu com a temática, trabalhando de forma ampla as conquistas trabalhistas que ocorreram durante o processo da Revolução Industrial, como por exemplo, a melhora nas condições de trabalho e a diminuição da carga horária dos trabalhadores industriais. Coincidentemente, a temática da diminuição da jornada de trabalho circulava no âmbito atual, este tema era exatamente a discussão sobre a escala de trabalho no Brasil, sendo discutida no congresso nacional a pauta da aquisição da jornada 5x2 no Brasil.

Por se tratar de um assunto denso, que envolvia todo o conteúdo de revolução industrial, legislações e como estas legislações reverberam na atualidade, resolvemos aplicar uma abordagem mais didática e dando protagonismo para os alunos, como nos aconselha Freire (1996) quando ele diz que o ensino exige criatividade. Substituímos então a atividade tradicional, de questões e respostas no caderno por uma atividade mais ativa e dinâmica, que despertasse a curiosidade dos alunos.

A atividade foi elaborada de forma que conseguíssemos encenar uma sessão no Congresso Nacional a fim de discutir a diminuição da jornada de trabalho no Brasil, para isso,





dividimos a turma em três grupos, um para cumprir a função de ser contra a pauta, um para cumprir a função de ser a favor da pauta e outro grupo para cumprir a função de ser neutro, e servir de apaziguador. Os alunos receberam orientações de como ocorreria a dinâmica e qual o motivo dela estar sendo realizada.

Toda a dinâmica durou um total de duas aulas de 50min. Em um primeiro momento, foram exibidos vídeos curtos, extraídos do aplicativo TIKTOK - rede social de familiaridade dos alunos - para que eles tomassem conhecimento da perspectiva de quem é a favor e de quem é contra a diminuição da jornada de trabalho. Logo após, enquanto pibidianos tivemos um curto diálogo com os alunos sobre o conteúdo trazido pelos vídeos exibidos, seguindo para a entrega de um material contendo um trecho do texto da PEC e um trecho da legislação trabalhista vigente no Brasil de 2025. Esse material foi lido em grupo pelos alunos com o auxílio de nós pibidianas, já que eles nunca tinham tido acesso a esse tipo de literatura.

Durante esse tempo, cada grupo teve que estabelecer e escrever critérios, ou seja, cada grupo conforme suas posições (a favor, contra ou neutro) deveriam mostrar seus motivos para serem a favor ou contra a pauta em questão, que era exatamente a discussão sobre a diminuição da escala 6x1. Depois disto, iniciamos o Plenário Simulado e pedimos para cada grupo expor os seus critérios, tendo o intermédio das pibidianas, estas que faziam o papel de mesa diretora da câmara. Ao final, cada integrante do grupo apresentou suas opiniões e até exemplos vivenciados com a família.

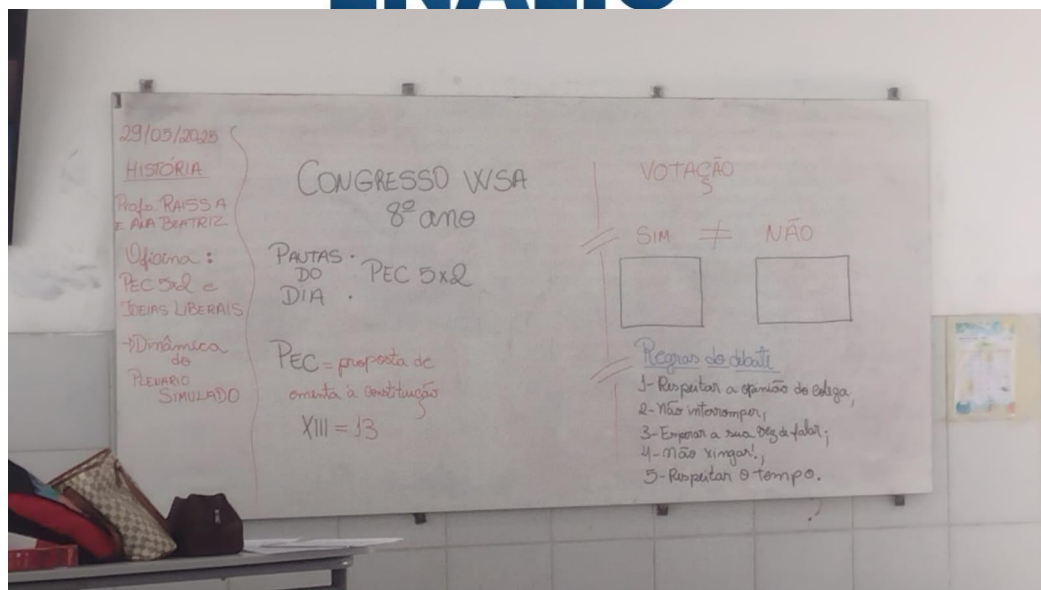
Os alunos se comportaram de maneira bem entusiasmada e interessada, além do fato da turma ser muito competitiva, o que fez com que eles realmente levassem aquela discussão como algo real. Portanto, ao final desta experiência ficou claro que o tipo de abordagem que é o professor escolhe passar para a sua turma, principalmente se tratando de uma turma do fundamental II, muda todo o alcance do ensino daquele conteúdo.

A escolha por optar pela utilização de vídeos do TIK TOK foi muito proveitoso e o final desta experiência ficou nítido os resultados dessa escolha. Inicialmente os alunos ficaram um pouco espantados em ver que aqueles vídeos que eles assistiam cotidianamente nos seus celulares, estavam sendo utilizados por professoras durante uma aula de história. Alguns alunos conversavam entre si tentando entender quais eram os vídeos que tínhamos levado para a aula. Além disso, dava para notar que eles estavam tentando relacionar como último conteúdo que estudamos na disciplina.

Por fim, consideramos que a utilização das ferramentas da internet, são extremamente valiosas, principalmente para lidar com essa nova geração de alunos, que estão se atualizando cada vez mais. É importante nós como professores, abriremos essa “porta tecnológica”.



IMAGEM 1 - REGISTRO DA LOUSA NO DIA DO PLENÁRIO SIMULADO



Fonte: Acervo Pessoal de Ana Beatriz.

REFERENCIAL TEÓRICO

Quando se trata de educação, há inúmeros autores bem referenciados no tema, porém, desde o início da nossa experiência docente, tivemos de primeiro contato com os escritos de Paulo Freire. Foi a partir dele que começamos a entender quais são as implicações de ser um professor. Estávamos preocupadas com a necessidade de entender o mundo dos nossos alunos, como tratar ou se comunicar com eles. Enfim, era tudo muito novo, portanto, recorremos ao livro *Pedagogia da Autonomia*, de Freire, para compreender as formas de como ensinar uma educação autônoma para estes alunos. Em dado momento, percebemos uma espécie de conselho escrito por Freire, o qual de certa forma nos serviu de pontapé inicial para nossa mudança pedagógica.

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade. FREIRE, 1996 (p.44).

A partir disto, fica evidente que nosso papel enquanto professor exige muita “sede de saber”, exige sempre novas tentativas, abordagens, discussões e decisões. Afinal, somos a porta de entrada de muitos jovens e crianças, precisamos compreendê-los para conseguir





ensinar. Como já se sabe, os professores não são os detentores de todo o saber universal, professores são seres moldáveis, **que também aprendem** durante o ato de ensinar. Portanto, com Freire conseguimos entender qual era a nossa responsabilidade enquanto professores, entendemos a necessidade de sempre estar se formulando, se atualizando, principalmente no mundo atual em que os jovens e crianças passam a exigir outros cuidados, como a exemplo da linguagem e comunicação.

Além destas questões iniciadas pela leitura de Freire, ascendendo toda essa preocupação da curiosidade enquanto professor, ainda percebemos outro problema, uma questão mais interna às aulas de história. Pois, levando em consideração que atualmente as escolas integrais estão crescendo cada vez mais, e nossa experiência ocorreu em uma escola Cidadã Integral Técnica, passamos a considerar a carga horária das crianças e consequentemente o cansaço existente nelas.

Com isso, percebemos que a aplicação das aulas apenas da forma tradicional, estava se tornando algo cansativo para os alunos, pois eles já vinham de uma extensa carga horária. A partir destas indagações passamos a pensar em como estabelecer um critério de criatividade para as aulas, a dúvida que permeava era: Até que ponto um professor pode inserir a criatividade dentro de suas aulas?. Segundo o historiador e escritor Leandro Karnal, em seu livro: Conversas com um jovem professor, ele destaca que

Assim, a importância mais notável de um exercício criativo de ensino é fazer com que as imaginações e reflexões de todos possam voar e expandir-se. Grandes revolucionários, em algum momento, sonharam com algo novo. Esse momento pode ser a escola, quando uma aula ou uma atividade possibilita ao aluno ir além do usual. Estimular que a aula e o aluno sejam criativos é uma maneira de sugerir e reforçar o poder subversivo do conhecimento. (KARNAL, 2012, p. 51).

Assim, Karnal destaca exatamente os objetivos de estabelecer propostas lúdicas para o ensino. Instigar a criatividade dos alunos não é apenas pedir um desenho ou uma produção artística, mas sim fazer com que o aluno consiga ultrapassar as grades do conteúdo com sua própria imaginação. A própria história tem para si a função de construir seres pensantes e críticos a sua realidade, e para conseguir alcançar isto é necessário incentivar o pensamento próprio do aluno. Foi a partir das leituras e ideias de Paulo Freire e Leandro Karnal, que aplicamos o Plenário Simulado na turma do 8º ano do fundamental II.

Entendemos que a pedagogia freiriana busca um ensino mais próximo dos alunos, que considere suas próprias realidades e formas de ver o mundo, e isto é aplicável a qualquer





disciplina. Já a leitura de Karnal, propõe um ensino criativo com um objetivo central: Fazer com que os alunos expandam seus pensamentos e formem suas próprias opiniões, gerando um momento fora do usual dos alunos. Ambos autores, serviram de suporte para a elaboração e aplicação da dinâmica em sala de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estar em sala de aula trabalhando temáticas históricas como os direitos trabalhistas e abordando pontos dessa temática que são tão atuais, foi uma experiência enriquecedora. Uma vez que, tivemos a oportunidade de além de trabalhar o conteúdo programático, trazer esses elementos históricos para a realidade dos alunos e abordar questões atuais que permeiam a vida deles. Ademais, essa prática, especificamente, nos trouxe a percepção do quão carente os jovens são de conhecer os assuntos em voga na sociedade em que eles vivem e o quão não conscientes eles são do que realmente significa política e legislação, assim como, as políticas públicas e legislações aprovadas impactam diretamente na vida deles e de seus familiares.

Através dessa experiência em sala, foi possível perceber - além da carência nas questões descritas acima - um empenho dos alunos para executar a dinâmica, o interesse na temática discutida e a quebra de paradigmas em relação aos direitos trabalhistas, escala de trabalho, relação contratado/contratante e ao papel do congresso nacional. Além disso, a dinâmica aplicada em sala de aula, serviu para engajar os alunos na temática, diminuir o cansaço psicológico de estar reproduzindo a mesma tarefa manhã e tarde durante as aulas na ECIT.

Nos últimos anos a escola deixou de ser um espaço de aprendizagem e formação acadêmica e vem se tornando cada vez mais de formação integral dos jovens. Isto por que, os alunos passam - atualmente - muito mais tempo dentro da escola do que fora dela, fazendo com que, como nos mostra Candau (2011) em sua escrita, a pluralidade esteja cada vez mais presente dentro do cotidiano escolar, não apenas em questões de desigualdade, mas também, no que diz respeito à construção identitária dos alunos que convivem nesse ambiente. E trabalhar com metodologias que diferem do tradicionalismo, focando em conseguir fazer o aluno ir além do usual, ajuda na construção identitária do alunado, enquanto seres subjetivos, capazes de ler, interpretar e criticar, não apenas fatos históricos, mas também, questões que permeiam sua existência na atualidade.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

Baseado no exposto acima, é possível concluir que a experiência relatada neste trabalho, ancorada nas perspectivas teóricas de Paulo Freire (1996) e Leandro Karnal (2012), demonstra o potencial transformador de abordagens pedagógicas inovadoras no ensino de História, especialmente em contextos de educação integral como a ECIT Prefeito Williams de Sousa Arruda. A aplicação do Plenário Simulado, que integrou o conteúdo histórico da Revolução Industrial a debates contemporâneos sobre direitos trabalhistas, não apenas quebrou o paradigma do ensino tradicional, baseado em memorização e repetição, mas também fomentou o engajamento ativo dos alunos, promovendo uma educação dialógica e libertadora.

Essa prática deixou claro a importância de conectar o passado à realidade atual dos alunos, despertando curiosidade e reflexão crítica, conforme defendido por Freire (1996), que enfatiza a curiosidade como motor essencial do processo educativo. Além disso, ao estimular a criatividade e o pensamento independente, como proposto por Karnal (2012), a dinâmica contribuiu para a formação integral dos jovens, ajudando-os a compreenderem o impacto das políticas e legislações em suas vidas cotidianas. A quebra de paradigmas observada, com alunos passando de uma percepção de História como disciplina maçante para um espaço de debate entusiástico, reforça a necessidade de metodologias ativas que valorizem a pluralidade e a identidade dos alunos, alinhando-se às ideias de Candau (2011) sobre a escola como ambiente de construção identitária.

Embora limitada a uma turma específica, essa experiência sugere que a adoção de práticas lúdicas e interativas pode ser replicada em outras disciplinas e contextos educacionais, incentivando professores a estarem em constante aprendizado e adaptação às demandas das novas gerações. Recomenda-se, portanto, a ampliação de programas como o PIBID para fomentar a formação docente em abordagens criativas, garantindo uma educação mais inclusiva e reflexiva.





REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas**. Currículo sem fronteiras, v. 11, n. 2, p. 240-255, 2011.

KARNAL, Leandro. **Conversas com um jovem professor**. 1. Ed. – São Paulo: Contexto, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

